

FORUM

**das
seis**

**STU
Sintusp
Sinteps
Sintunesp
Adusp-S.Sind.
Adunesp-S.Sind.
Adunicamp-S.Sind.**

DCE da Unicamp, DCE-Livre da USP, DCE das FATECs e Representação Estudantil da Unesp

Valorização dos níveis iniciais da Carreira Docente nas Universidades Estaduais Paulistas

Assembleias da Adunesp, da Adunicamp e da Adusp
Fórum das Seis

Valorização dos níveis iniciais da carreira docente nas universidades estaduais paulistas

*Assembleias da Adunesp, da Adunicamp e da Adusp
Fórum das Seis*

Nas últimas décadas, tem havido um enorme ataque aos serviços públicos e um processo generalizado de retirada de direitos dos/as trabalhadores(as) em ambos os setores, público e privado.

Tal processo tem sido acelerado nos últimos anos nas universidades estaduais paulistas, acarretando um enorme arrocho salarial por parte das reitorias e uma perda significativa de direitos, em especial os previdenciários, provocando uma divisão da categoria docente em segmentos: os/as que ingressaram antes de 2003 e mantêm o direito à aposentadoria integral com paridade; os/as que entraram entre 2003 e 2013 e seguem as regras de transição com proventos calculados com base numa média dos salários; e aqueles(as) que ingressaram posteriormente a 2013, tendo o teto do Regime Geral da Previdência como provento de aposentadoria e compelidos/as a aderir a planos de previdência complementar.

Temos também sido submetidos/as a um aprofundamento da precarização das condições de trabalho, com a constante tentativa de acabar com a estabilidade e a progressiva adoção de contratos docentes por tempo determinado, sem garantias trabalhistas e com salários aviltantes.

Esta realidade impõe novos desafios para os sindicatos, pois o modelo de carreira única – no qual os/as novos/as contratados/as podiam projetar atingir no final da carreira as mesmas condições dos/as docentes com mais tempo de universidade – deixou de existir.

Atualmente, cada nova geração tem menos direitos que a anterior e o teto de possibilidades de remuneração é cada vez mais baixo. Se os/as professores(as) que ingressaram na universidade até o início do século podiam projetar atingir um salário bruto máximo na casa dos 30 mil reais, para os/as atuais ingressantes, numa perspectiva otimista e reservada a uma parcela minoritária que atingisse o topo da carreira com 35 anos de serviço, o salário máximo seria da ordem de 26 mil reais, que sofreria uma queda brusca no momento da aposentadoria. A título de comparação, a maior remuneração possível de docentes que entraram nos últimos anos nas universidades seria cerca de 28% menor se comparado com a maior remuneração possível hoje, no caso de uma carreira idêntica.

Os salários nas universidades estaduais paulistas acumulam, desde 2008, perdas da ordem de 30%, e esse impacto foi ainda mais sentido por docentes em início da carreira.

A situação fica ainda mais crítica quando se torna cada vez mais comum a imposta necessidade de custear as próprias pesquisas. As exigências produtivistas da universidade acabam por fazer com que, muitas vezes, docentes financiem, com seus próprios salários, pesquisas e, principalmente, publicações, sob o risco de virem a ser punidos/as nos processos de pretensa avaliação. Um outro aspecto importante de ser observado é a perspectiva muito lenta de melhoria das condições de remuneração. Na USP, por exemplo, são necessários, em média, 15 anos para se conseguir atingir um salário bruto da ordem de 15 mil reais e 24 anos para se chegar a salários em torno de 20 mil reais.

Não é de surpreender que esse estado de coisas gere um profundo mal-estar e uma enorme frustração entre os/as docentes com menos tempo de casa. Os pedidos de exoneração, antes muito raros, tornaram-se significativos nos últimos anos. Este quadro favorece as consultorias e a atuação das fundações e de seus cursos pagos, por promoverem alguma forma de complementação salarial, tendo por consequência a descaracterização do RDIDP, da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da carreira universitária. E ressalte-se, ainda, a perda de atratividade das três universidades estaduais paulistas a pessoas jovens que desejam trilhar a carreira docente.

Apesar do fato de que, há muito, os sindicatos de docentes das três universidades alertam para essa questão, as reitorias não apresentam respostas efetivas para esse problema, que só fica mais grave com o passar do tempo.

Por tudo isso, as diretorias da Adunesp, da Adunicamp e da Adusp, reunidas para discutir a data-base de 2021, decidiram aprofundar o debate sobre a valorização dos níveis iniciais da carreira, no sentido de propor medidas concretas e imediatas para enfrentar o problema. Dessa forma, apresentaram algumas propostas para o conjunto da categoria, que em suas assembleias definiram remeter ao Cruesp as propostas a seguir:

Proposta 1:

A valorização dos níveis iniciais da carreira poderia ser realizada com a alteração nos interstícios que separam os salários referência dos vários níveis da carreira, fixando-o em um mesmo valor de 7% e usando o salário base do MS6 como referência.

A tabela abaixo mostra os salários base dos diversos níveis da carreira docente, os atuais interstícios entre os níveis e a relação do salário base de cada nível com o do MS6 e como ficariam esses valores com a implementação da proposta.

Atual				Proposta de alteração		
RDIDP	Referência	Diferença %	% do Salário MS6	Reajustado	Diferença %	% do Salário MS6
MS3.1	11.069,37		67,27%	11.731,88		71,30%
MS3.2	12.133,03	9,61%	73,74%	12.533,11	7,00%	76,17%
MS5.1	13.196,70	8,77%	80,20%	13.431,83	7,00%	81,63%
MS5.2	14.282,40	8,23%	86,80%	14.372,06	7,00%	87,34%
MS5.3	15.368,48	7,60%	93,40%	15.378,10	7,00%	93,46%
MS6	16.454,57	7,07%	100,00%	16.454,57	7,00%	100,00%

Proposta 2:

A valorização dos níveis iniciais da carreira poderia ser realizada com a alteração nos interstícios que separam os salários referência dos vários níveis da carreira com um acréscimo de R\$ 500,00 ao salário base do nível MS3.1; R\$ 400,00 do MS3,2; R\$ 300,00 do MS5.1; R\$ 200,00 do MS5.2 e de R\$ 100,00 do MS5.3.

A tabela abaixo mostra os salários base dos diversos níveis da carreira docente, os atuais interstícios entre os níveis e a relação do salário base de cada nível com o do MS6 e como ficariam esses valores com a implementação da proposta.

Atual				Proposta de alteração		
RDIDP	Referência	Diferença %	% do Salário MS6	Reajustado	Diferença %	% do Salário MS6
MS3.1	11.069,37		67,27%	11.569,37		70,31%
MS3.2	12.133,03	9,61%	73,74%	12.533,03	8,33%	76,17%
MS5.1	13.196,70	8,77%	80,20%	13.496,70	7,69%	82,02%
MS5.2	14.282,40	8,23%	86,80%	14.482,40	7,30%	88,01%
MS5.3	15.368,48	7,60%	93,40%	15.468,48	6,81%	94,01%
MS6	16.454,57	7,07%	100,00%	16.454,57	6,96%	100%

Por último, é importante mencionar que as propostas acima contemplam somente a carreira docente e os seus níveis comuns às três universidades estaduais paulistas (Unesp, Unicamp e USP). Outras carreiras docentes existentes em somente uma (ou duas) universidade(s) e os níveis MS1 e MS2, também deverão ser contemplados na implementação da valorização dos níveis iniciais, seguindo a mesma lógica definida para a carreira MS dos níveis MS3.1 a MS6.

Para o caso da Unesp, é importante lembrar que, independentemente da forma que for usada para implementar uma valorização dos níveis iniciais da carreira, o reajuste de 3%, referente à data-base de 2016, deve ser honrado (inclusive com o pagamento dos valores em atraso) pela administração da universidade.